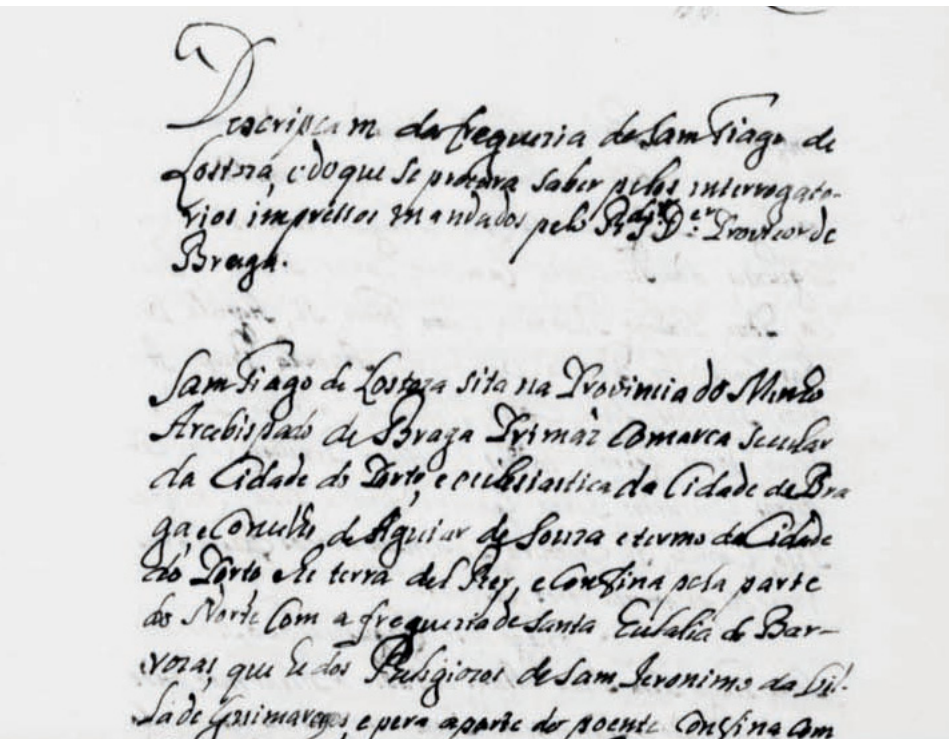


Suplemento

Arqueologia

Santiago de Lustosa em 1758

memória paroquial, toponímia e património (parte 2)



Dando continuidade ao artigo publicado no Boletim Municipal anterior, procede-se à divulgação do restante conteúdo relativo ao estudo desenvolvido em torno da Memória Paroquial de Santiago de Lustosa de 1758. O presente texto fixa a leitura etimológica dos toponímios elencados pelo pároco memorialista, correspondentes a cada um dos lugares ou aldeias por si nomeados, bem como do património edificado mencionado no documento setecentista.

Textos

Cristiano Cardoso
cristiano.cardoso@cm-lousada.pt
Luís Sousa
luís.sousa@cm-lousada.pt

3. TOPONÍMIA E PATRIMÓNIO

3.1. Toponímia

Denominação (antiga-1758/atual)	Nota etimológica/Referências bibliográficas/Observações
Agrella/Agrela	Diminutivo de agra, o mesmo que campo ¹ .
Agros	O mesmo que campos.
Azenha	Engenho relacionado com a transformação da azeitona em azeite.
Bouça	Terra inculta, imprópria para uma atividade agrícola extensiva. Poderá também revelar local onde se recolhem matos para a cama dos animais e lenha.
Cabo	Topónimo geográfico muito frequente. São conhecidos casos em que surge ora isolado, ora em composição. A localização relativa ao lugar de ‘Rua Nova’ no espaço administrativo da freguesia leva-nos a considerar tratar-se de um topónimo com significado de área que está na extremidade ou no fim da povoação.
Cacavellos/Carcavelos	A forma primitiva deste topónimo é efetivamente ‘Cacavelos’, que evoluiu neste caso para Carcavelos. José Pedro Machado considera-o de origem obscura, apontando poder ser céltico ou mesmo pré-céltico, com significado de «pedra» ² . A localização geográfica e topográfica do lugar denominado Carcavelos, leva-nos a seguir por uma outra via interpretativa, colocando a hipótese de manifestar lugar fechado, espécie de cava na base do monte.
Caníço	O mesmo que espigueiro. Estrutura elevada do solo composta por uma caixa arejada formada por ripado de madeira destinada ao sequeiro de cereal.
Cazaes/Casais	Plural do singular masculino «Casal». Topónimo frequente, abundantemente documentado na Idade Média. Por casal entende-se uma unidade agrícola composta pela habitação e por outras estruturas como a adega e lagar, celeiro ou palheiro, cortes para animais e lojas para recolha de alfaías agrícolas. Trata-se da composição rural que melhor caracteriza a exploração da terra no entre Douro e Minho. O termo «Casais», pelo qual é assim denominada a freguesia, exprime porventura o invulgar número daquelas unidades rurais já na Baixa Idade Média, período de que chegaram até nós as mais recuadas fontes escritas onde vemos mencionado o nome da paróquia.
Cerdeiras	Plural de cerdeira. Topónimo vulgar, muito representado no Norte de Portugal e Galiza ³ . O mesmo que cerejeira, árvore frutífera da cereja.
Costa	Parcela de um território marcado por uma topografia acidentada, isto é, de encosta ⁴ . Compreende usualmente a superfície a meia altura de um morro que se destaca na envolvente. Situa-se normalmente entre o cocuruto de um monte e o início do vale.
Cristello/Cristelo	Trata-se de um topónimo muito frequente no Norte de Portugal, quer na forma do singular, quer no plural. Talvez com raiz etimológica em «castro» ou «crasto», devendo por princípio significar “pequena fortaleza” ⁵ . O concelho de Lousada tem na sua composição administrativa uma freguesia, presentemente agregada, denominada «Cristelos», confirmando-se aqui a existência de um castro ou crasto, um povoado proto-histórico.
Deveza/Devesa	Do latim « <i>defensa</i> » = defendida, proibida, adquirindo sentido de ‘terreno murado’, ‘propriedade coutada’, ‘interdita’ ⁶ .
Fonte	Do latim Fonte-; Fons. Vulgar no singular e no plural, nas formas simples e compostas. Indica local onde existe ou existiu recolha de água usualmente potável.
Gandra	Topónimo frequente em Portugal, igualmente existente sob a expressão «Gândara». Encontra-se conotado frequentemente com terreno arenoso, estéril ⁷ .
Laje	De origem obscura, é um vocábulo frequente quer em Portugal, quer na Galiza. Não raras vezes encontra-se na região associado a extensos afloramentos rochosos planos rentes ao solo.
Lajes	Plural de Laje. Veja-se o anotado para o topónimo acima.
Lameira	Topónimo frequente no norte de Portugal e Galiza. Do singular feminino lama, este do latim « <i>lama</i> », de provável origem pré-celta. Aqui deverá relacionar-se com área onde abundam as águas, que tornam pesadas as terras agrícolas.
Leirós	J. Pedro Machado não aponta concretamente a origem da palavra «Leirós», lançando simplesmente a pergunta – “Diminutivo de leira?” ⁸ . Cremos que exprime efetivamente leira, e apesar de sem quaisquer certezas, deverá relacionar-se com terreno composto por campos de distintas amplitudes, dispostos em socalco ou não.

¹MACHADO, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed., vol. I. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 61.

²MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 349.

³MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 391.

⁴MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. I, p. 460.

⁵MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. I, p. 473.

⁶MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. I, p. 503.

⁷MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. II, p. 694.

Denominação (antiga-1758/atual)	Nota etimológica/Referências bibliográficas/Observações
Longra	Tem origem do latim « <i>longŭla</i> », diminutivo feminino de <i>longuas</i> ? De Lôngara, de origem pré-romana e sentido arqueológico?
Outeiro	Topónimo de origem topográfica. Do singular masculino outeiro. O mesmo que cume, sítio elevado, que se destaca da topografia da envolvente ⁹ .
Paredes Secas	Origem pouco clarificada.
Peça	Origem não determinada.
Penellas/Penelas	Plural de Penela. Topónimo frequente. Deriva do latim « <i>pinnella</i> » ou « <i>pennella</i> » - Pena = Pedra. Área onde abundam afloramentos rochosos.
Pereira	Almeida Fernandes ¹⁰ , pela abundância do topónimo em Portugal, considera que se deve justificar a sua raiz etimológica na presença de um local rochoso, e não na existência de árvores cujo fruto é a pera. A formação desta palavra deve, portanto, procurar-se em «pera» + eira. Ainda assim, o autor não põe de parte que tal palavra possa relacionar-se com a presença de tal árvore de fruto ou mesmo tendo origem no apelido pessoal.
Pinheiro	Fitotopónimo que fixa um lugar associado há existência da árvore.
Posso/Poço	Topónimo evidente e muito frequente sob formas simples e compostas.
Quintans/Quintãs	Propriedade usualmente murada ou cercada de muros ou sebes, tendo como principais aptidões a agricultura de sementeira e a vitivinicultura. Compõe-se ainda de casa de habitação e de unidades de apoio à atividade agrícola. Em Portugal parece fixar-se na toponímia durante os séculos IX e XI ¹¹ .
Refontoura	Exprime Fonte, Fontoura=Fontoira - «FONTE AUREA». Forma possivelmente popular, muito antiga, provavelmente medieval, de FONT-ÓRIA.
Rego	Topónimo frequente em Portugal e na Galiza. Sulco aberto usualmente no solo, de profundidade variada, utilizado para transporte de água para o regadio ou para colocar em funcionamento certas estruturas hidráulicas.
Reimonda/Raimonda	Topónimo, feminino de «Raimondo» ou «Raimundo». Parece tratar-se de um topónimo de formação recente. Embora possamos ser levados a pensar estarmos perante um topónimo de origem germânica, parece mais consensual ter uma origem francesa.
Rio	Do latim « <i>rivus</i> » = rio. Topónimo associado a uma habitação apalaçada, chamada Casa do Rio, tendo ido buscar o nome pela proximidade ao Rio Porto.
Rodilham/Rodilhão	Origem não cabalmente determinada.
Rua Nova	Do latim « <i>ruga</i> » = sulco; caminho. Estamos perante um topónimo composto que nos remete para uma via de circulação carrária, de abertura recente e que em alguns casos é assim chamada por existir nas proximidades uma outra de mais recuada fundação.
Sammede/São Mamede	Hagiotopónimo associado ao local onde outrora existiu uma capela, demolida apenas há algumas décadas.
Sé	Topónimo na maior parte das vezes relacionado com a sede da catedral do bispo. Não é o caso e não nos é de momento possível apontar a cabal razão da sua representação em Lustosa.
Sequeiró	Uma das formas mais arcaicas que terá dado origem a Sequeiros é a expressão « <i>Sacarias</i> »(?) ¹² . É provável que possa relacionar-se com uma zona de favoráveis condições para a secagem de cereal.
Serra	Topónimo simples, aqui com sentido orográfico, relacionado com a Serra de Campelos, a mais expressiva e extensa massa rochosa em termos altimétricos do concelho de Lousada.
Surribas	Plural de «Surriba». Terá que ver com o ato de surribrar? Talvez identifique local onde persiste a prática de revolver ou escavar a terra para a tornar mais arável, isto é, agricultável.
Talhos	Parcelas rústicas votadas ao cultivo de crusidades e outros produtos agrícolas diversos.
Tocas	Cavidades no solo resultantes da ação humana ou animal?
Ventozellas/Ventozelas	Plural de «Ventozela». Zona varrida por ventos?
Vinhas	Plural do feminino «Vinha». Topónimo evidente, indicativo da presença de cepas de vides plantadas de modo organizado e em grande número.

⁹MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. II, p. 865.

¹⁰MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. III, p. 1109.

¹¹A. de Almeida Fernandes – *Toponímia Portuguesa: exame a um dicionário*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1999, p. 472.

¹²FERNANDES, Maria Alice; CARDEIRA, Esperança – "Notas sobre toponímia portuguesa medieval", in *Monografia 11*, Revista Galega de Filoloxía. A Coruña: Universidade da Coruña, p. 156.

¹³MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. III, p. 1333.

3.2. Património

3.2.1 Ermida de São Roque

O culto ao São Roque foi um dos mais populares em Portugal e na Europa ao longo do século XVII. A sua grande difusão esteve muito relacionada com os inúmeros surtos de peste que afetaram o velho continente ao longo da Idade Média. A lenda associada ao santo francês promoveu a espontaneidade da devoção popular e a sua assunção como santo protetor da peste.

Em Portugal a grande disseminação do culto ocorreu mais tarde, mas resultou de uma conjuntura igualmente ligada à funesta epidemia. Com efeito, a peste não foi devastadora apenas na Idade Média, surgindo, desde pequenos e localizados surtos até grandes epidemias que afetavam extensas regiões do país, ao longo de todo o século XVI e especialmente nos seus derradeiros anos. Um desses surtos parece ter tido grande impacto nesta região precisamente na transição do século XVI para o século XVII.

Talvez por isso se tenha observado um incremento do culto ao São Roque nesta fase, contrariando uma tendência verificada mais visivelmente ao longo da segunda metade do século XVI, em que a devoção ao São Sebastião se sobrepôs. Assim, é comum atribuir às capelas de São Roque uma fundação que se enquadra dentro daquela cronologia, ou seja, princípios do século XVII. Não desvalorizando também a intensa campanha desenvolvida pela Santa Sé, durante os finais do século XVI, de glorificação do santo, que conduziu à sua canonização em 1591.

Ora, tudo isto serviria para fundamentar uma cronologia para a nossa capela de São Roque, contudo, para além de interpretações, conseguimos alcançar a documentação que nos permite fixar o momento exato do início da capela e as motivações do seu culto.

De forma sucinta, o princípio da capela de São Roque, de Lustosa, está intimamente ligado com a infausta *Peste Pequena* que atingiu com força esta nossa região. Ainda durante os anos mais duros da permanência da doença, os fregueses construíram uma capela dedicada ao santo, tendo para o efeito obtido a necessária licença do provisor da Sé de Braga, o doutor Belchior Dias. Esta licença tinha-se perdido e a capela não estava "*muito bem edificada pera nella se celebrarem os officios divinos*". Por isso agora, propunham-se a reedificá-la com mais dignidade e para isso pretendiam alcançar nova licença.

Sobre toda esta representação consentia o Ordinário, contudo, para salvaguardar a fábrica da capela impunha-se a vinculação de património que sustentasse a sua conservação para sempre. Ou seja, era necessário vincular bens de raiz livres de qualquer obrigação (enfiteútica, por exemplo) que, através da sua produção (cereais, etc.) ou de um foro em dinheiro, constituíssem rendimento anual certo para a decência do culto e do edifício. Para isso foi estipulado o valor de um cruzado (400 réis).

O auto de património da capela foi feito na nota do tabelião do couto de Negrelos, Diogo Váz de Resende, a 30 de Julho de 1606.



Figura 1 Capela de São Roque em 1956 (Fot. Arq. Diocese do Porto)

Este instrumento era fundamental para que a autoridade eclesiástica autorizasse a bênção da capela e a celebração de missa.

A capela tinha altar de pedra e retábulo com a imagem de culto de São Roque e de muitos outros santos e tinham ainda uma imagem de Nossa Senhora dos Martírios. Tinha grades no meio, antes do altar, o teto forrado e as portas acabadas com sua chave. A construção que resultou desta iniciativa devocional dos moradores de Lustosa não terá sofrido muitas alterações ao longo dos séculos seguintes. Não há notícia de que a capela alguma vez tenha entrado em ruína. Em 1758, na memória paroquial, o pároco menciona-a como estando "*fora do lugar e pertence a fabrica della ao abbade da freguesia*"¹³. Em suma, a localização inicial da capela ter-se-á mantido inalterada até aos meados do século XX e corresponderá, muito seguramente, ao sítio representado na planta desenhada para a construção do cemitério em 1896¹⁴ e que a foto XX ainda captou na posição original. O muro que se vê por traz da capela não é mais que a cerca do quintal do abade, que se prolongava até um caminho público que seguia para Paredes Secas e que, entretanto, foi eliminado parcialmente por construções recentes.

A mudança de localização da capela para o local onde hoje se encontra esteve relacionada com a construção da alameda entre o cemitério e a igreja. Como a capela interferia com o plano de alargamento e regularização do perfil da nova via, a junta de freguesia, presidida por Manuel Gomes de Moura, e o pároco Joaquim Moreira de Campos, chegaram a acordo para a mudança da capela. A proposta foi apresentada ao bispo do Porto em 1957,

¹³CAPELA, José Viriato, MATOS, Henrique e BORRALHEIRO, Rogério – As freguesias do distrito do Porto..., p. 315.

¹⁴NUNES, Manuel e LEMOS, Paulo – Lustosa, património e identidade. Lousada: Junta de Freguesia de Lustosa, 2013, pp. 31 e 81. Efetivamente, em trabalho denominado IPHI – Inventário do Património Histórico Imóvel, o autor destas linhas tinha avançado a ideia de uma mudança de local da capela por finais de Oitocentos. Em face, de documentos entretanto identificados e divulgados, a referida mudança de local da capela ocorreu no século XX, posição que aproveitamos agora para corrigir.

tendo o prelado anuído de imediato. O mesmo bispo, D. António Ferreira Gomes, em visita pastoral à paróquia, realizada em 1959, já pode observar *in loco* o novo assento da capela. Como complemento destas breves linhas não hesitamos em colocar em anexo todo o processo relativo a esta mudança, que contém informações adicionais e que constitui um documento importante para a memória e identidade local.

A transferência da capela fez-se pedra a pedra, sendo reconstruída pela mesma ordem, tal como aconselhara o bispo. Os únicos elementos novos inseridos foram o patamar que elevou a capela cerca de 1,3m, a escadaria de acesso e a mesa de altar. A obra realizou-se durante o ano de 1960 e a 16 de Agosto o padre Joaquim Moreira de Campos pedia licença para a sua bênção. A 31 de Agosto a capela foi benzida.

3.2.2 Ermida de São Mamede

Tem havido a tentação, inclusivamente da nossa parte, de relacionar a referência à «*ecclesia sancto mamete*», constante do célebre inventário do mosteiro de Guimarães, do ano de 1059, com a capela de São Mamede, de Lustosa, ao que tudo indica, desaparecida apenas há breves anos¹⁵. Moderando um pouco este ânimo bairrista, podemos dizer que abunda nestas cercanias este hagiotopónimo e que também estamos ainda longe de entender a listagem de igrejas e topónimos deste inventário como uma sequência geograficamente ordenada que permita identificar locais com rigor. Apesar de vários dados nos fazerem apontar no mesmo sentido, o trajeto documental até à confirmação está longe de ser iniciado.

Com segurança podemos afirmar que a primeira referência documental que conhecemos relativa à capela de São Mamede surge no «Tombo de Santa Marinha da Costa», realizado no ano de 1716. Durante a descrição das propriedades resultantes do desmembramento de um antigo e unido casal de São Mamede, e estando a confrontar um cerrado onde se concentravam as casas dos vários caseiros.

Em 1758 voltamos a obter notícias da capela nas Memórias Paroquiais, mostrando-se que a mesma estava de pé e era fabricada pelos fregueses¹⁶. Esta alusão à fábrica da capela é importante, pois sugere-nos uma fundação pública, determinada pela vontade de um conjunto de moradores, talvez todos do lugar. Encaramos, pois, a possibilidade de esta desaparecida capela ter tido

uma função, em parte, idêntica à de São Gonçalo, que seria a de garantir a proteção de um lugar distante e de difícil acesso, associado, como parece, a um fenómeno de sacralização do espaço pagão; ao mesmo tempo, contribuir para a afirmação da identidade da freguesia ao estarem implantadas precisamente nos limites da jurisdição paroquial.

3.2.3 Ermida de São Gonçalo

Singular capela que se destaca no topo de um abrupto monte, muito simples em termos arquitetónicos. A sua característica mais admirável reside nas suas diminutas dimensões, mais evidentes ainda pela construção de um desproporcionado alpendre construído na segunda metade do século XX na sua frontaria. A capela propriamente dita apresenta paredes com aparelho irregular mas bem construído, trabalho que, infelizmente, as juntas de cimento exageradamente largas não permitem apreciar plenamente. O retábulo é muito simples, obra certamente de produção local e de artífice pouco experimentado. A pintura que o cobre desqualifica-o e tira-lhe dignidade religiosa e cultural.

É provável que na subida do monte ou no redor da capela existisse em tempos uma via-sacra, constituída por diversos cruzeiros patrocinados por famílias e casas da freguesia. É o que sugere a existência de duas bases de cruzeiro epigrafadas a servir de apoio às colunas do referido alpendre. Nas epígrafes fazia-se menção a quem tinha mandado erguer o cruzeiro, sendo um deles da casa da Bouça e outro promovido por "3 devotos". As inscrições estavam truncadas, não permitindo uma leitura total. Estas bases foram destruídas na sequência de obras recentes na capela.



Figura 2 Perspetiva Norte da Capela de São Gonçalo.

¹⁵Vimaranis Monumenta Historica. A Saeculo Nono Post Christum Usque ad Vicesium. Vol. I. Vimarane: Antonii Ludovici da Silva Dantas, 1929, pp. 45-52 e NUNES, Manuel e LEMOS, Paulo – Lustosa..., p. 84.

¹⁶CAPELA, José Viriato, MATOS, Henrique e BORRALHEIRO, Rogério – As freguesias do distrito do Porto..., p. 315.

¹⁷Para desenvolver o tema v. NUNES, Manuel e LEMOS, Paulo – Lustosa..., p. 80.